

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS
18 de maio de 2022

PAZ / 2021

de José Oliveira e Marta Ramos

Realização, Montagem e Produção: José Oliveira e Marta Ramos / Co-produção: Daniel Pereira (The Stone and the Plot) / Argumento: José Lopes, José Oliveira e Marta Ramos / Som: Felipe Zenícola, Bernardo Theriaga / Direção de Fotografia: Pedro Bessa e José António Loureiro / Assistência de Imagem: Mariana Rodrigues / Interpretações: José Lopes, Fernando Castro, António Soares, Pedro Rufino, Tozé Pereira, Artur Lopes, José Guedes, Vítor Cruz, António Fernandes, Dulce Pascoal e Nelson Fernandes / Cópia: DCP, a cores, falado em português com legendas em inglês / Duração: 25 minutos / Estreia Mundial: 23 de outubro de 2021 / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com apresentação.

Paz é apresentado com **Three Comrades**, de Frank Borzage (“folha” distribuída em separado).

Guerra (2020) começa de maneira muito bonita e significativa: uma criança folheia um álbum de fotografias tiradas na Guiné, durante a Guerra Colonial. Ouvimo-la a narrar as histórias por detrás de cada imagem ou conjunto de imagens. A dado momento, para e ocupa-se de uma série de fotografias, com o intuito de sublinhar que na guerra também há momentos de descontração, em que, nomeadamente, os soldados jogam à bola entre si, uma peladinha, diz, em que ganham todos. Parece-me que **Paz**, segundo movimento deste seríssimo trabalho de investigação pessoal sobre a Guerra Colonial, respeita um sentido rigorosamente contrário. O ponto de partida não é a paz entre a guerra, mas o dia-a-dia do Portugal contemporâneo, ou seja, uma guerra entre a paz. O filme, realizado durante o período pandémico de confinamento, congrega imagens de arquivo da mesma maneira que recupera alguns instantes – como um álbum de rodagem, mas perfeitamente autónomo e sem ter nada que ver com o registo do *making of* – do filme anterior. A dita “paz” é como um remendo de imagens encontradas (dos arquivos da RTP entrecruzadas com planos ou *outtakes* do filme anterior), aqui cosidas umas nas outras por forma a refletir – “a tratar”, apetece dizer, no sentido quase terapêutico do termo – não tanto a guerra interrompida pela paz, mas uma paz interrompida pela guerra.

Produziram-se, assim, importantes “ecos”, palavra escolhida por José Oliveira em entrevista publicada no *Jornal do Fundão* («Cinema no Fundão: Encontro com Marta Ramos e José Oliveira», por Bruno Victorino, 11 de maio de 2022). Explica: “A utilização do material de arquivo foi no sentido de tentar que fizesse eco com as

imagens do filme, conjugando as músicas cantadas pelos veteranos com a realidade da guerra colonial, com a memória e com o passado, tentando encontrar uma lógica narrativa naquilo.”

Como se vive a paz se a guerra espreita a qualquer altura, infiltrando-se, como ervas daninhas, naquilo que Cesare Zavattini denominava de “hoje, hoje, hoje”? A resposta não é fácil. De qualquer modo, sim, a realidade é dura mas tem também momentos de grande beleza, principalmente quando sobrevém a fraternidade entre antigos camaradas de armas. Ocorre-me, neste ponto, a reflexão da personagem da psicóloga em **Guerra**: esse paradoxo que deve ser estar-se com quem se lutou, camaradas em quem se confiou tantas vezes a vida, mas com quem também se tem em comum memórias de um inultrapassável horror. **Guerra** e **Paz** trabalham – habitam, apetece antes dizer – este paradoxo, mas organizam-se de maneira oposta, com o primeiro a incidir grandemente no horror vivido em tempos de paz e este segundo contando/cantando, desejando ou até “guerreando com” a paz impossível (a “paz podre”, para usar uma expressão de José Oliveira na citada entrevista), num “aqui e agora” ingrato, que amiúde se esquece dos heróis do passado ou de quem sacrificou a sua juventude em nome de uma futura e hipotética harmonia. Uma das forças dos dois filmes de José Oliveira e Marta Ramos – e este **Paz** não se fica nada atrás, neste aspecto, em relação à longa-metragem **Guerra** – é o tornarem a Guerra Colonial uma questão a ser tratada “aqui e agora”, documentando as palavras, os gestos, a emoção e a tristeza dos mais velhos, ex-combatentes que, hoje aposentados, apenas podem contar com duas coisas nas suas vidas: um companheirismo levado até à morte, que une estes homens, nas canções que cantam juntos, nas piadas e palavras de incentivo que trocam entre si como se fossem irmãos de sangue, mas também o esquecimento que a sociedade lhes vota, como se fossem trapos velhos.

Paz documenta uma geração e também, igualmente importante, um lugar, à época em vias de desaparecer: Os Amigos do Minho. O lugar morreu e estes homens também estão de partida. É o caso do José Lopes, o protagonista de **Guerra**, que aqui ocupa um lugar mais discreto. No entanto ou por causa disso, assinala Marta Ramos na referida entrevista, “o ‘Guerra’ foi o filme que o José Lopes nos deixou. A todos nós, não só a mim e ao José Oliveira. E o ‘Paz’ é o filme que nós lhe queremos oferecer.” A despedida mais bonita que José Oliveira e Marta Ramos lhe podiam fazer era mesmo esta: deixá-lo ficar a um canto, presente mas nem sempre protagonista, porque o José Lopes, parece-me, também conhecia essa linguagem que já não dominamos muito bem: a da amizade. E se o inferno são os outros, a paz, com ou sem guerra, ontem ou hoje, pertence aos amigos. Há espaço para eles neste filme. Por isso, a presença do José Lopes é ainda mais generosa em **Paz** do que em **Guerra**. Memória muito justa deste homem que vamos querer guardar.

Luís Mendonça